DOI: 10.53660/PRW-2920-5235

A escola como perpetuadora de preconceitos linguísticos: um olhar sociolinguístico

The school as a perpetuator of linguistic prejudices: a sociolinguistic perspective

Received: 15/05/2026 | Accepted: 05/06/2026 | Published: 11/06/2026

Eli Lucas Dantas
Universidade da Região Tocantina do Maranhão, Brazil
RCID ID: 0009-0003-2468-9199
E-mail: elucasdantas@gmail.com
CPF: 26786874819
Maria da Guia Taveiro da Silva
Universidade da Região Tocantina do Maranhão, Brazil
ORCID ID: 0000-0002-6520-1845
E-mail: maria.silva@uemasul.edu.br

RESUMO

Este artigo tem como objetivo investigar o papel da escola na perpetuação do preconceito linguístico. Fundamentada na sociolinguística, que examina as interações entre língua e sociedade, a pesquisa explora como práticas pedagógicas podem reforçar estereótipos linguísticos, promovendo a exclusão social. Para tal análise, foram estabelecidos quatro objetivos específicos: Refletir na importância e no propósito original da escola na valorização do ensino; identificar a manifestação da variação e do preconceito; destacar alternativas pedagógicas centradas no professor e sugerir algumas estratégias de construção de um local de valorização das variações e inibição dos preconceitos linguísticos. Com base em uma abordagem qualitativa, os dados foram coletados por meio de revisão bibliográfica. Ao final, o estudo propõe estratégias pedagógicas para a conscientização crítica, incentivando uma prática educativa inclusiva e equitativa.

Palavras-chave*:* Escola; Preconceito; Professor; Sociolinguística; Língua portuguesa.

ABSTRACT

This article aims to investigate the role of school in perpetuating linguistic prejudice. Based on sociolinguistics, which examines the interactions between language and society, the research explores how pedagogical practices can reinforce linguistic stereotypes, promoting social exclusion. For this analysis, four specific objectives were established: Reflect on the importance and original purpose of the school in valuing education; identify the manifestation of variation and prejudice; highlight pedagogical alternatives centered on the teacher and suggest some strategies for building a place of appreciation for variations and inhibition of linguistic prejudices. Based on a qualitative approach, data were collected through literature review. At the end, the study proposes pedagogical strategies for critical awareness, encouraging an inclusive and equitable educational practice.

Keywords: School; Prejudice; Teacher; Sociolinguistics; Portuguese language.

INTRODUÇÃO

Tradicionalmente, a escola é vista como um espaço de ascensão social e democratização do conhecimento. No entanto, ela tem sido alvo de críticas por muitas vezes contribuir para a manutenção de desigualdades sociais. Uma dessas desigualdades, frequentemente invisibilizada, é o preconceito linguístico. A sociolinguística é o campo de estudo que investiga a relação entre língua e sociedade, alertando para as consequências da manutenção do preconceito linguístico.

Este artigo visa investigar o papel da escola na perpetuação do preconceito linguístico, propondo-se a:

1. Refletir na importância e no propósito original da escola como ambiente de valorização do ensino e da construção de uma sociedade igualitária;
2. Identificar a manifestação da variação e do preconceito linguístico no ambiente escolar;
3. Destacar algumas alternativas pedagógicas centradas no professor como condutor das reflexões e
4. Propor algumas estratégias de construção de um local de valorização das variações e inibição os preconceitos linguísticos existentes

A escolha deste tema se justifica pela relevância social e educacional da questão. O preconceito linguístico não apenas arranha a dignidade dos falantes, mas também limita suas oportunidades. Ao investigar o papel da escola na perpetuação desse preconceito, busca-se contribuir para a reflexão sobre as práticas pedagógicas com a proposição de ações que potencializem a igualdade linguística.

A ESCOLA COMO CENÁRIO AMBÍGUO

A escola é o espaço onde se vivem experiências marcantes, desde amizades até lembranças de professores, sendo um ambiente de aprendizagem e cidadania. Como instituição, a escola apresenta definições distintas e por vezes contraditórias quanto ao seu propósito. Ela deveria ser, segundo Dewey (1933), um local de desenvolvimento através da experiência, onde os alunos não apenas decoram informações, mas se envolvem de forma significativa. Piaget

(1971) sugere uma escola voltada ao desenvolvimento cognitivo, com construção ativa do conhecimento. Em paralelo, Vygotsky (1991) destaca a interação sociocultural como pilar para o aprendizado.

Além destes reconhecidos pensadores sobre escola e educação, há autores mais contemporâneos que apresentam sua visão sobre o mesmo ambiente de aprendizagem. Paulo Freire, renomado personagem da educação brasileira, compreendia a escola como um espaço de transformação social e cultural. Nela o estudante encontraria um espaço de formação para cidadãos críticos e conscientes, capazes de transformar a sociedade (FREIRE, 1987).

Para o grande proponente da teoria das múltiplas inteligências, Howard Gardner, a escola tem um papel primordial no desenvolvimento de todas essas inteligências. Este conceito rompe a uniformidade no ensino-aprendizagem reconhecendo que é dever da escola proporcionar ambiente diversificado onde todos os alunos tenham condições de desenvolver suas habilidades de forma plena (GARDNER, 2000). Outro renomado autor contemporâneo, Ken Robinson, reconhece que a escola é elemento fundamental no desenvolvimento humano, contudo, demonstra falhar na promoção da criatividade, da inovação e do pensamento crítico. Para Robinson (2009) há que se realizar uma profunda transformação no sistema educacional tradicional para se alcançar o cultivo da diversidade, da criatividade e da inovação.

José Carlos Libânio (2013) afirma que a escola figura como um elemento vital na formação integral do indivíduo e para a transformação social. Libânio defende uma escola que atue no preparo de jovens para a vida e o trabalho, reforçando a concepção de cidadania crítica e participativa na sociedade, e uma formação ética unida a valores como a honestidade, a integridade entre outras.

Percebe-se que para todos os autores supracitados, o ambiente escolar é fundamental, ou seja, todos estão unidos nesta crença basilar. Com isto, pode-se refletir: sendo algo tão essencial à vida humana, estaria a escola de alguma maneira falhando em seu papel de romper preconceitos sociais no que tange à linguística? Ou estaria ela de alguma maneira perpetuando preconceitos linguísticos a muito enraizados na sociedade brasileira?

A esta altura torna-se de imprescindível relevância analisar o comportamento predominante no ambiente escolar sobre o preconceito em suas diferentes manifestações. Diferentes linguistas têm apontado a existência histórica de um preconceito sistêmico em relação ao tema da variação linguística, quer num ambiente urbano quer no ambiente rural. Exemplo disso é o que afirma Bagno (1999, p. 42) ao apontar que o sistema educacional não reconhece as variações linguísticas como legítimas e reforça a ideia de que só há uma maneira correta de se expressar, levando a uma forma de domesticação linguística, desvalorizando a diversidade linguística que os alunos trazem de suas comunidades.

Michel Foucault, renomado filósofo francês, ao abordar a relação de poder presente na sociedade humana, observa que a escola se constitui numa instituição disciplinar que exerce um poder sutil e constante sobre os indivíduos. Por meio de mecanismos como horários, disciplinas, avaliações e normas de comportamento, a escola molda os corpos e as mentes dos alunos, transformando-os em sujeitos dóceis e úteis à sociedade (FOUCAULT, 1987).

A partir das considerações dos diferentes autores pode-se concluir que a existência da escola, embora reconhecidamente essencial para o desenvolvimento cognitivo e social, também se constitui num poderoso instrumento onde as relações de poder acontece possibilitando a formação de cidadãos conforme queira a classe dominante.

A VARIAÇÃO E O PRECONCEITO LINGUÍSTICO

A variação linguística reflete a diversidade de formas que a língua assume, influenciada por fatores sociais, regionais e culturais. No ambiente escolar, essa diversidade exige reflexão, pois historicamente, a escola privilegia a norma padrão, muitas vezes associada a um prestígio social, em detrimento de outras variedades. Esse fenômeno pode gerar preconceitos linguísticos que marginalizam falantes de variedades regionais ou populares (Bortoni-Ricardo, 2004, p. 23).

Para Bechara (2009, p. 93) a norma culta possui valor central na gramática normativa, contudo, reconhece a importância da variação linguística em todas as suas formas, sejam cultas ou populares. Isto corresponderia a diversidade cultural e social do

Brasil. Para o autor, estas variações regionais e sociais precisam ser entendidas como sendo manifestações naturais da língua e nunca como um desvio da norma.

Conforme Bortoni-Ricardo (2004, p. 23), a variação linguística é "um reflexo da própria estrutura social, em que diferentes grupos de falantes se distinguem não apenas pela origem geográfica, mas também por fatores como escolaridade, profissão e faixa etária". Esse conceito evidencia que a diversidade linguística vai além das diferenças regionais, abrangendo uma série de fatores socioculturais que moldam as identidades dos falantes. Ao ignorar essas variações, a escola colabora para o fortalecimento de estigmas e para a exclusão de estudantes que não se expressam pela norma padrão.

Labov (1972, p. 40), um dos principais teóricos internacionais da sociolinguística, destaca que a variação linguística é inerente a todas as comunidades e que cada grupo desenvolve suas próprias formas de falar como um reflexo de identidade e pertença social. Ele argumenta que o desprezo pelas variedades populares de linguagem, especialmente no ambiente escolar, é um dos fatores que contribuem para a desvalorização de determinados grupos sociais. Para Labov, a valorização da diversidade linguística pode funcionar como um instrumento de inclusão e promoção de uma educação mais equitativa.

Outro aspecto relevante sobre a variação linguística nas escolas é abordado por Bagno (1999, p. 56), que aponta que a padronização da linguagem na educação formal leva ao que ele chama de "preconceito linguístico". Esse preconceito se manifesta quando a escola desconsidera a legitimidade de outras variedades de português e impõe a norma culta como única forma aceitável, promovendo, assim, uma visão hierárquica das variações da língua. Bagno enfatiza a importância de a escola adotar uma postura crítica e inclusiva em relação às variedades linguísticas, respeitando e valorizando as práticas linguísticas dos estudantes.

Crystal (2003, p. 87), também destaca a relevância da diversidade linguística e o impacto do ensino monolítico na autoestima e no desenvolvimento educacional dos estudantes. Ele aponta que, ao valorizar apenas a norma padrão, a escola contribui para a criação de barreiras sociais e para a marginalização de estudantes que possuem um repertório linguístico diferente. Crystal defende uma abordagem pedagógica que reconheça a pluralidade linguística como um recurso educacional enriquecedor.

Nesse contexto, uma perspectiva sociolinguística para o ensino requer o reconhecimento e a valorização das múltiplas variedades de português como partes essenciais da cultura e da identidade dos estudantes. Ao abraçar a diversidade linguística, a escola tem a oportunidade de combater preconceitos e promover uma educação mais inclusiva e democrática.

A variação linguística, portanto, deve ser entendida no ambiente escolar como um fenômeno natural e enriquecedor, que reflete a complexidade social e cultural dos estudantes. Reconhecer e valorizar essa diversidade é um passo fundamental para a construção de uma educação inclusiva que respeite as identidades dos alunos e promova o respeito às diferenças. Ao adotar essa postura, a escola contribui para desconstruir preconceitos e promove uma visão de mundo mais ampla e inclusiva.

ALTERNATIVAS PEDAGÓGICAS: O PROFESSOR COMO PROTAGONISTA

O papel do professor no ensino da variação linguística é essencial, especialmente em escolas públicas que acolhem ampla diversidade social e cultural. O professor, ao adotar uma postura inclusiva, pode transformar a sala de aula em um espaço de valorização da identidade linguística dos estudantes (Bagno, 2007, p. 41). Conforme Bortoni-Ricardo (2005, p. 27), é necessário que o professor receba uma formação voltada à sociolinguística, para que possa valorizar as diversas variedades da língua e combater práticas que reforcem estigmas.

Para Bagno (2007, p. 41), "o professor é o principal agente na construção de uma consciência linguística inclusiva", pois é ele quem tem o poder de decidir como o conteúdo será abordado e de que maneira as práticas linguísticas dos estudantes serão tratadas em sala de aula. Quando o professor se mostra sensível às variações linguísticas, ele fortalece a autoestima dos alunos e legitima suas formas de expressão, o que é essencial para o combate ao preconceito linguístico e para o reconhecimento da pluralidade linguística como um valor cultural e educacional.

Bortoni-Ricardo (2005, p. 27) enfatiza que, para o professor atuar de forma eficaz no ensino da variação linguística, ele precisa ser capacitado e conscientizado sobre a importância das diversas variedades do português. Segundo ela, a formação docente ainda carece de uma abordagem mais ampla sobre a sociolinguística, o que

dificulta que professores adotem práticas que valorizem a diversidade linguística. Ela aponta que, sem uma base sólida nesse campo, o professor pode reforçar involuntariamente preconceitos e práticas excludentes, ao tratar a norma padrão como a única forma legítima de expressão.

Gnerre (1985, p. 72) contribui para essa discussão ao afirmar que o papel do professor não deve ser o de impor a norma culta, mas sim o de ampliar a competência comunicativa dos alunos, permitindo que eles transitem por diferentes registros linguísticos conforme a situação. Gnerre defende uma prática pedagógica que respeite e valorize as variedades linguísticas dos estudantes, sem que isso signifique abandonar a norma padrão, mas sim utilizá-la como uma ferramenta adicional de comunicação, sem deslegitimar as demais formas de expressão.

Sob essa perspectiva, Monte Mór (2014, p. 89) argumenta que o professor deve ser um mediador que fomente a reflexão sobre a linguagem como um fenômeno social e variável. Ele defende que, ao ensinar variação linguística, o professor tem a oportunidade de sensibilizar os alunos para a diversidade de formas de falar que coexistem na sociedade, promovendo o respeito e a valorização das diferenças. Monte Mór sugere que a prática pedagógica em relação à variação linguística deve ser dialógica, permitindo que os alunos compreendam o papel da língua como elemento de identidade e como meio de adaptação a diferentes contextos comunicativos.

A abordagem sociolinguística no ensino fundamental, portanto, exige que o professor seja um facilitador da inclusão, promovendo uma visão ampla sobre a língua portuguesa e combatendo ideias preconceituosas que rotulam algumas variantes linguísticas como "erradas" ou "inferiores". Ao adotar essa postura, o professor auxilia na construção de uma comunidade escolar mais democrática e consciente, onde as diversas formas de expressão linguística são respeitadas.

O papel do professor no ensino da variação linguística é, portanto, fundamental para a promoção de uma educação inclusiva e crítica. Por meio de uma postura de valorização das variedades da língua, o professor pode contribuir para a desconstrução de preconceitos linguísticos e para a formação de alunos mais conscientes da riqueza linguística e cultural do país. Ao capacitar-se e adotar práticas pedagógicas que respeitem as diversidades linguísticas, o professor torna-se um agente transformador,

promovendo uma educação mais justa e equitativa. A seguir, algumas estratégias referendadas positivamente no combate á discriminação linguística.

ESTRATÉGIAS DE ENSINO EM ESCOLA PÚBLICA.

Para promover um ensino inclusivo e consciente da variação linguística, os professores do ensino fundamental podem adotar estratégias pedagógicas que valorizem a diversidade linguística e desconstruam preconceitos. Essas estratégias devem considerar o contexto sociocultural dos alunos, respeitando suas variedades linguísticas e incentivando o desenvolvimento de uma consciência crítica sobre a língua.

Valorizar as variedades linguísticas dos alunos em sala de aula

Bagno (2002, p. 33) sugere que uma das estratégias fundamentais é a valorização das variedades linguísticas presentes em sala de aula. Em vez de tratar a norma culta como a única forma correta de expressão, o professor pode estimular o respeito e a valorização das formas de fala dos alunos, mostrando que todas as variedades são legítimas e refletem a diversidade cultural. Essa abordagem auxilia na construção da autoestima linguística dos estudantes e combate o preconceito linguístico, criando um ambiente mais acolhedor e inclusivo.

Utilizar textos com variedades da língua

Bortoni-Ricardo (2004, p. 65) propõe que o professor apresente aos alunos textos em variedades linguísticas, como contos populares, músicas regionais e relatos orais. Esse contato com a pluralidade da língua permite aos estudantes perceberem a diversidade linguística como algo natural e enriquecedor, além de ampliar suas habilidades de interpretação e compreensão. Bortoni-Ricardo ressalta que essa prática contribui para que os alunos identifiquem e apreciem as variedades linguísticas de forma contextualizada.

Estimular a reflexão crítica sobre preconceito linguístico

Labov (1972, p. 83) defende a importância de atividades que incentivem os alunos a refletirem criticamente sobre o preconceito linguístico. O professor pode, por exemplo, organizar debates e rodas de conversa para discutir como a sociedade valoriza ou desvaloriza certas maneiras de falar. Essa estratégia promove uma compreensão mais ampla sobre como a linguagem está ligada à identidade social e como os estereótipos linguísticos podem afetar as pessoas. Labov destaca que, ao desenvolver essa

consciência, os alunos se tornam mais sensíveis à diversidade linguística e aos impactos do preconceito linguístico.

Ensinar a alternância linguística como competência comunicativa

Monte Mór (2014, p. 102) propõe o ensino da alternância linguística, que consiste em ajudar os alunos a perceberem quando e como utilizar diferentes registros da língua, dependendo do contexto e do interlocutor. Essa prática não invalida as variedades linguísticas dos estudantes, mas lhes ensina a adequar sua fala e escrita a diferentes situações, sem perder a identidade linguística. Essa habilidade, chamada de competência comunicativa, é essencial para que os alunos consigam transitar entre a norma padrão e outras variedades com facilidade e segurança.

Utilizar Jogos e dinâmicas para explorar a variação linguística

Bortoni-Ricardo (2005, p. 49) sugere o uso de jogos e dinâmicas que permitam aos alunos explorarem as diferenças linguísticas de forma lúdica. Atividades como "dialeto bingo", em que os alunos identificam características linguísticas regionais ou sociais, ajudam a construir uma atitude de respeito e curiosidade pela diversidade da língua. Essas atividades promovem um aprendizado ativo, em que os alunos interagem com a língua de maneira divertida e participativa, o que reforça a aprendizagem e a aceitação da diversidade linguística.

Inserir atividades de produção textual que espeitem a variação linguística

Bagno (2007, p. 58) sugere que o professor incentive a produção textual em diversas variedades da língua, permitindo que os alunos utilizem suas formas de fala em narrativas, poesias e outros gêneros textuais. Essa prática permite que os estudantes expressem suas experiências e identidades sem a pressão de se adequar à norma padrão, fortalecendo sua autoestima e o reconhecimento de suas próprias vozes no ambiente escolar. Bagno afirma que a liberdade na produção textual é essencial para o desenvolvimento de uma educação linguística inclusiva.

A implementação dessas estratégias permite que o ensino fundamental seja um espaço onde a diversidade linguística é reconhecida, respeitada e valorizada. O professor, ao adotar essas práticas, contribui para a formação de uma comunidade escolar mais consciente e respeitosa das diferenças linguísticas e culturais. Dessa forma,

a escola pública cumpre seu papel de ser um ambiente inclusivo e democrático, promovendo a equidade e o respeito às múltiplas identidades dos estudantes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo buscou lançar um olhar sociolinguístico sobre o papel da escola na perpetuação de preconceitos linguísticos, enfatizando a importância de uma abordagem inclusiva e crítica no ensino da língua portuguesa. Ao longo do trabalho, evidenciou-se como a variação linguística, presente nas diferentes formas de expressão dos alunos, é frequentemente marginalizada em um ambiente escolar que prioriza a norma padrão, desvalorizando, assim, as identidades linguísticas dos estudantes.

Neste cenário, o professor emerge como um agente central na construção de uma educação linguística inclusiva e democrática. Conforme destacado por Bagno (2007) e Bortoni-Ricardo (2004), o docente, ao valorizar a diversidade linguística em sala de aula, promove a autoestima dos estudantes e combate o preconceito linguístico, criando um ambiente de respeito e acolhimento. O professor que atua de forma consciente das variações da língua e das implicações sociais dessas variações contribui para que a escola seja um espaço de construção de cidadania e equidade.

A valorização das diversas formas de expressão dos alunos não implica a rejeição da norma padrão, mas sim o reconhecimento da língua como um fenômeno multifacetado, que reflete as experiências, culturas e realidades sociais de cada indivíduo. O ensino da competência comunicativa, como proposto por Monte Mór (2014), oferece aos alunos ferramentas para navegar entre diferentes registros linguísticos, fortalecendo a adaptação a variados contextos sem deslegitimar suas formas de fala.

Portanto, a criação de um ambiente escolar que respeite e valorize todas as formas de linguagem é um passo fundamental para a promoção de uma educação equilibrada A escola pública, em especial, deve ser um espaço onde a diversidade linguística seja reconhecida como parte essencial da identidade dos estudantes, sem que qualquer forma de expressão seja marginalizada. Além disso, é necessário que os professores e gestores educacionais busquem um constante aprofundamento no estudo da sociolinguística e das práticas pedagógicas inclusivas.

Dessa forma, este trabalho reforça a necessidade de uma reflexão crítica e contínua sobre o ensino da língua portuguesa, que vá além da mera transmissão de normas gramaticais e que abrace a pluralidade da língua como um valor cultural e educacional. A escola, portanto, deve comprometer-se com a formação de cidadãos conscientes e respeitosos das diversidades linguísticas, contribuindo para uma sociedade mais justa e democrática.

REFERÊNCIAS

B. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.

BAGNO, M. *Preconceito linguístico*: o que é, como se faz. São Paulo: Edições Loyola, 2007.

BORTONI-RICARDO, S. M. *Educação linguística inclusiva*: uma proposta de pedagogia sociolinguística. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

BORTONI-RICARDO, S. M. *Nós chegemo lá:* Variações linguísticas no português do Brasil. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

BORTONI-RICARDO, S. M. *Educação em língua materna*: a sociolinguística na sala de aula. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

BORTONI-RICARDO, S. M. *Linguagem e cidadania*: práticas sociolinguísticas na escola. Campinas: Pontes Editores, 2014.

CALVET, Loui-Jean. *Sociolinguística uma introdução crítica*. são Paulo: parábola Editorial, 2002. CRYSTAL, D. *A língua e a internet*. São Paulo: Contexto, 2003.

DEWEY, John. *A escola e a sociedade*. São Paulo: Melhoramentos, 1932.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir*: nascimento da prisão. Petrópolis:
Vozes, 1987. FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro:
Paz e Terra, 1987.

GARDNER, H. *Inteligências múltiplas:* a teoria na prática. Porto Alegre: Artmed, 2000. GNERRE, M. *Linguagem, escola e socialização*. São Paulo: Ática, 1985.

LABOV, W. *Sociolinguistic Patterns.* Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 172. LIBÂNEO, José Carlos. *Didática*. São Paulo: Cortez, 2013.

PIAGET, Jean. *A construção do real na criança*. Rio de Janeiro: Zahar, 1971.

ROBINSON, Ken. *O elemento*: como liberar a criatividade que existe em você. Rio de Janeiro: Sextante, 2009.

VYGOTSKY, L. S. *A formação social da mente*. São Paulo: Martins Fontes, 1991. p. 185-190.